



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

MARCELO HENRIQUE CHIARETTO

**O OLHAR CIVILIZADOR EUROPEU EM TERRAS
PARANAENSES NO SÉCULO XIX
O RELATO DE VIAGEM DE THOMAS P. BIGG-WITHER**

Londrina
2017

MARCELO HENRIQUE CHIARETTO

**O OLHAR CIVILIZADOR EUROPEU EM TERRAS
PARANAENSES NO SÉCULO XIX:
O RELATO DE VIAGEM DE THOMAS P. BIGG-WITHER**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de História da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em História.

Orientador: Prof. Dr. Márcio Santos de Santana

Londrina
2017

MARCELO HENRIQUE CHIARETTO

**O OLHAR CIVILIZADOR EUROPEU EM TERRAS PARANAENSES NO
SÉCULO XIX:
O RELATO DE VIAGEM THOMAS P. BIGG-WITHER**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Departamento de História da Universidade
Estadual de Londrina, como requisito parcial à
obtenção do título de Licenciado em História.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Dr. Márcio Santos de Santana
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Prof. Dr. Silvia Cristina Martins de Souza
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Prof. Dr. Wander de Lara Proença
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Londrina, 16 de fevereiro de 2017.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu orientador Prof. Dr. Márcio Santana por aceitar a me guiar nesta pesquisa e a todos os professores do Departamento de História da UEL que participaram da minha formação.

Também aos meus pais, Aparecida e Mauricio, pelo apoio e incentivo em todos esses anos de curso.

E por fim à Nádia, pela sua paciência e por sempre estar presente me dando atenção, conselhos e força.

*O sucesso consiste em
ir de fracasso em fracasso sem perder
o entusiasmo.*

Winston Churchill

CHIARETTO, Marcelo Henrique. **O olhar civilizador europeu em terras paranaenses no século XIX**: o relato de viagem de Thomas P. Bigg-Wither. 2017. 45p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2017.

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo analisar o relato do viajante inglês Thomas P. Bigg-Wither quando esteve na província do Paraná na década de 1870, tendo como foco entender como a concepção de mundo europeia civilizadora e o ideal capitalista do viajante se revela na narrativa e qual o resultado disso na descrição das relações sociais observadas por ele. Através da metodologia da análise textual discursiva, que se define como um processo auto-organizado de construção de novos significados em relação ao texto analisado através da desconstrução, categorização e compreensão, chegou-se à conclusão de que as formas como o trabalho, a economia e os costumes da sociedade paranaense eram naturalmente conduzidas não se encaixavam no modelo europeu de sociedade civilizada.

Palavras-chave: Brasil Império - Paraná. Relato de Viajante. Thomas P. Bigg-Whitter. Análise Textual Discursiva. Eurocentrismo.

CHIARETTO, Marcelo Henrique. **The European civilizing look of a European in Parana lands in the 19th century**: the journey report of Thomas P. Bigg-Wither. 2017. 45p. Term paper. (Graduation in History) – State University de Londrina, Londrina, 2017.

ABSTRACT

This research aims to analyze the report of the English voyager Thomas P. Bigg-Wither when he was in the province of Paraná in the 1870s, with a focus on understanding how the conception of the civilizing European world and the capitalist ideal of the voyager is revealed in the narrative and which is the result of this in the description of the social relations observed by him. Through the methodology of discursive textual analysis, defined as a self-organized process of construction of new meanings in relation to the text analyzed through deconstruction, categorization and understanding, it was concluded that the ways in which the work, the economy and the customs of the Paraná society were naturally conducted did not fit the European model of civilized society.

Key words: Brazilian Empire - Paraná. Voyager's report. Thomas P. Bigg Wither. Discursive Textual Analysis. Eurocentrism.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Mapa 1 – Municípios e principais colônias no Paraná na década de 1870.....	26
---	----

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
2	OS RELATOS DOS VIAJANTES EUROPEUS NO SÉCULO XIX	14
2.1	AS VIAGENS PELO BRASIL	14
2.2	LITERATURA DE VIAGEM	16
2.3	BIGG-WITHER E SEU RELATO SOBRE AS TERRAS MERIDIONAIS NO BRASIL	19
2.4	O BRASIL E O PARANÁ NA DÉCADA DE 1870	21
3	UMA ANÁLISE DA NARRATIVA DE VIAGEM DE THOMAS P. BIGG- WITHER	27
3.1	O CARÁTER DA EXPEDIÇÃO EM TERRAS PARANAENSES	27
3.2	ASPECTOS DA SOCIEDADE PARANAENSE OITOCENTISTA SOB A ÓTICA EUROPEIA	30
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
	REFERÊNCIAS	44

1 INTRODUÇÃO

As histórias de viagens sempre cativaram escritores e leitores. Narrativas de ficção ou realidade, foram os desafios e glórias de descobrir o mundo um dos principais pontos do tema. Temos a história do retorno de Ulisses à sua terra em *Odisseia*, por Homero; *A Divina Comédia*, de Dante Alighieri, com a incursão do personagem principal pelo Inferno, Purgatório e Céu; os escritos de Marco Polo pela Índias Orientais; e posteriormente os inúmeros registros pós-descoberta do Novo Mundo – o encontro com o Paraíso Terreno¹. O estranhamento sobre o diferente, uma combinação de admiração e desprezo, aparece nas histórias de viajantes pelo mundo.

Desde o começo das grandes navegações até durante todo o século XIX, os relatos dos viajantes que pelas novas terras que passaram contribuíram, no momento em que foram escritos, aos interessados da época – reis, clero, mercadores – e hoje, mais do que literatura, constitui-se uma fonte documental rica em detalhes pelo tom pessoal, mas que traz uma de visão de mundo carregada de ideologias e interesses sociais.

O Brasil foi muito bem agraciado com as notas desses viajantes. Temos a *Carta de Pero Vaz de Caminha* que “inaugura” esse tipo de documentação nas terras luso americanas, no século XVI. Do mesmo século temos as *Duas Viagens ao Brasil*, de Hans Staden. O século XIX é repleto desses relatos, sendo injusto deixar de citar alguns, mas entre os mais importantes viajantes estão o artista francês Jean Baptiste Debret, o pintor alemão Johann Moritz Rugendas, o naturalista francês Auguste de Saint-Hilaire, os naturalistas alemães e amigos Johann Baptiste von Spix e Carl von Martius.

O território do Paraná também recebeu atenção por parte dos viajantes. Auguste de Saint-Hilaire esteve nestas regiões ainda quando o Paraná não existia como província, em 1822, passando por Curitiba, na época 5ª Comarca de da província de São Paulo. O médico alemão Robert Avé-Lallemant esteve nesta província em 1858 e o engenheiro inglês Thomas P. Bigg-Wither esteve em expedição de 1872 a 1875.

A escolha do relato de Bigg-Wither para este trabalho não foi aleatória. O diferencial deste autor está no período em que ele esteve no Paraná, pois,

¹ GIUCCI, Guillermo. **Viajantes do maravilhoso**: o novo mundo. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

diferentemente de Saint-Hilaire, a região já era uma província. Sendo assim, os habitantes dessa região já eram tratados como paranaenses inclusive no plano legal, distinguindo-os da população de outras partes do Brasil, já que havia se passado cerca de vinte anos desde sua emancipação. O segundo motivo é que este viajante tem uma obra específica para tratar do território paranaense, diferente de Avé-Lallemant e, mais uma vez, de Saint-Hilaire.

O objetivo desse estudo não é realizar apenas um levantamento das informações registradas por este viajante referente às regiões que passaram e sim analisar as condições que influenciaram esses registros: quem escreveu, para quem fora escrito, contexto histórico, concepções de mundo etc. Adotaremos nesta pesquisa a hipótese de que, permeado pelo discurso cientificista e pelo ideal capitalista, o viajante categoriza a forma como as relações sociais são construídas pela população paranaense oitocentista².

A produção historiográfica sobre o tema até a década de 1970 entendia que esses viajantes tinham o distanciamento ideal para produzir registros condizentes com a realidade. Tal perspectiva ignorou a cultura, a percepção de mundo, os signos, entre outros fatores, desses viajantes que vinham de onde se considerava o centro da cultura e da civilização: a Europa. A partir da década de 1980 começavam a surgir as primeiras críticas a essa ideia de distanciamento da realidade que era observada. Agora, os viajantes europeus eram tidos como observadores singulares da sociedade, ou seja, tinham o privilégio de realizar o trabalho de descrever o Brasil. Já na década de 1990, a historiografia novamente repensou esse tema. Ao pesquisar os relatos dos viajantes europeus, era possível ir além das descrições sobre o Brasil, mas especialmente enxergar o europeu, tanto aquele que escrevia quanto o que lia. Também as pesquisas adentraram a camada das representações, iniciando um trabalho de análise das versões de cada viajante, e não somente dos fatos, como era feito pelos historiadores até meados do século passado³.

Há grandes estudos que contemplam como fontes as crônicas dos viajantes do século XIX. Vários trabalhos já foram publicados sobre tema, sejam livros ou artigos em periódicos. Algumas obras importantes são: *Na poética da história: a*

² Para tal, nos apoiaremos em BONNICI, Thomas. Ecocrítica e pós-colonialismo: o fitar de Bigg-Wither na Floresta Atlântica do Paraná. **Intersemiose - Revista Digital**. Recife, n. 2, p. 171-184, 2012.

³ BELLUZO, Ana Maria. **O Brasil dos viajantes**. v. 1. São Paulo/Salvador: Metalivros/Fundação Odebrecht, 1994, p. 13.

realização da utopia nacional oitocentista, de Francisco Moraes Paz; *Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação*, de Mary Louise Pratt e *O Brasil dos viajantes*, de Ana Maria Belluzzo.

Publicado em três volumes, *O Brasil dos viajantes* é uma obra resultada da pesquisa empreendida por Belluzzo e por outros pesquisadores sobre os viajantes europeus que passaram pelas terras brasileiras desde o século XVI até o século XIX. A obra se concentra nas seguintes discussões centrais: a imaginação e a criação de sentidos pelos viajantes, a imagem gerada pela relação entre sensibilidade e razão e os modos de construção da pensada natureza brasileira por eles.

No livro *Na poética da história*, lançado postumamente, Paz entende que as utopias nacionais integram o imaginário das variadas sociedades, se tornando um ponto base para as representações culturais.⁴ A utopia do século XIX, diferentemente do século anterior, tem espaço logrado na Europa, e não num lugar ainda imaginado. Agora se tem a busca pela modernidade. É o século da Europa, se considerando, ainda mais que antes, o centro do mundo, “o eixo irradiador de mudanças”; o século do civilizado buscando levar o que é culto para onde existe a barbárie. Além do que, as utopias do século XIX tem um forte apoio na ciência. A pesquisa de Paz incide bastante sobre os discursos científicos e sobre os relatos viajantes europeus no Brasil. Conforme o autor, o propósito desta pesquisa “vem a ser o estudo das ideias da sociedade, no século XIX, a partir do emprego intelectual da literatura dos viajantes.”⁵

Quase semelhantemente, Pratt, em *Os olhos do império*, desenvolve uma discussão no campo do discurso e na ordem ideológica dos relatos de viajantes europeus, que passaram pela África e pela América Latina a partir do século XVIII. Esse livro inova em apresentar uma discussão não apenas no viés econômico e político do Imperialismo, mas também verifica a transculturação, que, segundo a autora, é a reinvenção das áreas coloniais e da Europa, a partir do contato e de troca de significações. Pratt ajuda-nos a entender que o Imperialismo, além da sua característica de dominação política e econômica, produziu visões de mundo, estereótipos, imagens de si mesmos, causado pela intervenção direta de quem estava envolvido nessa construção – os viajantes.

A obra que servirá como fonte para esta pesquisa é *Novo caminho no*

⁴ PAZ, 1996, p. 13.

⁵ Ibid., p. 15-17.

Brasil meridional: a Província do Paraná, lançada em 1974, de Thomas P. Bigg-Wither. Este livro pertence à Coleção Documentos Brasileiros, idealizada por José Olympio, renomado editor de livros do Rio de Janeiro, no primeiro triênio do século XX. Inspirada na coleção *Brasiliana*, da Companhia Editora Nacional, de enorme sucesso, a Documentos Brasileiros surgiu em meio à um grande fervor literário da época, com enforque marcante da história do Brasil.

O primeiro editor da coleção foi Gilberto Freyre, que, pelo lançamento recentemente do livro *Casa-grande e Senzala*, estava sendo bem repercutido pela sua obra inédita.

A estreia da coleção acontece com *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Holanda, em outubro de 1936, com 3.000 exemplares à disposição nas livrarias.⁶ O prefácio de Freyre no primeiro livro da coleção evidenciava o papel da coleção e de seu editor. Nela, Freyre manifestou que a Documentos Brasileiros era

[...] uma coleção planejada e organizada com o maior escrúpulo e com todo o vagar, visando a corresponder não só às necessidades do estudioso como à curiosidade intelectual de todo brasileiro culto pelas coisas e pelo passado do seu país.⁷

Conforme estudo feito por Fábio Franzini, o trabalho de Gilberto Freyre em diferenciar esta coleção da *Brasiliana* era que a

[...] essência da nova coleção revelava-se em seu comprometimento com aquilo que trazia já no próprio nome e que era várias vezes repetido no texto de apresentação: o *documento*. Desencavado do passado ou produzido no presente, em “estado quase bruto” ou analisado de forma criteriosa, ele estaria na base dos trabalhos a serem publicados, como era dito praticamente a cada parágrafo. O propósito era, parece claro, a afirmação de um conhecimento *verdadeiro* sobre o Brasil, do conhecimento do Brasil *real*, fundamentado não em reconstruções ou especulações superficiais e estéreis, e sim em interpretações *comprováveis* a seu respeito. Numa palavra, tratava-se de afirmar o conhecimento *científico* sobre o Brasil, elaborado por *especialistas* que davam “vida” aos documentos para juntá-los “à história social do brasileiro”.⁸

Para o estudo da fonte utilizamos como embasamento metodológico a análise textual discursiva⁹, cujo enfoco de tal método se dá na pesquisa qualitativa ao invés da quantitativa, através de alguns estágios: fazendo a desconstrução do texto,

⁶ FRANZINI, Fábio. **À sombra das palmeiras**. A Coleção Documentos Brasileiros e as transformações da historiografia nacional (1936 – 1959). 2006. Tese (Doutorado em História Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, p. 103-106.

⁷ FREYRE apud FRANZINI, 2006, p. 108.

⁸ FRANZINI, op. cit., p. 109. Grifos do autor.

⁹ MORAES, Roque. Uma Tempestade de Luz: A compreensão Possibilitada pela Análise Textual Discursiva. **Ciência & Educação**, Bauru, v. 9, n. 2, p. 191-211, 2003.

categorizando-o e compreendendo o todo.

Partindo do princípio de que toda leitura é uma interpretação, cabe ao leitor/pesquisador desconstruir o texto e atribuir sentido e significados com base em suas teorias de pesquisa, tendo o texto original como significante que precisa ser significado. É do processo de desconstrução que resultará uma nova ordem de sentidos e então poder agrupar esses significados em categorias semelhantes. Assim é possível construir um novo texto com a descrição e interpretação do leitor/pesquisador sobre o texto original, sendo a descrição entendida como uma apresentação de ideias mais próximas das do texto analisado e a interpretação é exercitar a abstração a partir de uma compreensão mais aprofundada, escapando da construção de significados imediatos após a desconstrução do texto. Todos os estágios da análise textual discursiva constituem um processo auto-organizado de construção de novos significados e sentidos em relação ao texto analisado.

Esta pesquisa está dividida em dois capítulos. O primeiro contém uma discussão metodológica que trabalha o significado das viagens europeias no século XIX e o teor das fontes, ou seja, quais as formas (suporte físico) dos relatos dos viajantes e a importância deles para o estudo histórico, além de biografar Bigg-Wither e apresentar a fonte. Já o segundo capítulo é iniciado por meio de um levantamento do contexto histórico do Brasil e da província do Paraná, discutindo, posteriormente, as características da expedição que o viajante fez parte e, finalmente, analisa a problemática colocada na fonte: a sociedade paranaense oitocentista pelo olhar europeu.

2 OS RELATOS DOS VIAJANTES EUROPEUS NO SÉCULO XIX

2.1 AS VIAGENS PELO BRASIL

O que teria de relevante na investigação de registros levantados por sujeitos que, incumbidos da tarefa de analisar pertinentemente um território diferente do seu, assim como o *conteúdo* encontrado (o meio ambiente e a sociedade e seus afins – cultura, economia e política), traçando um olhar de estranhamento perante o outro?

Relatos e mais relatos foram deixados para a posteridade a partir do momento em que a Europa sentiu a necessidade de expandir seus braços. Com a busca do *Paraíso Terrestre* em torno do século XV, surgiu do imaginário cristão formulações fantasiosas a respeito do novo mundo que procuravam, sejam culturais ou naturais – a esta concepção deu-se o nome de *mito edênico*. O *novo mundo* que encontraram estava distribuído entre a África, Índia, regiões desconhecidas do Oriente e a América. Então, o expansionismo europeu que além de afirmação religiosa tinha razões de ordem econômica, política e cultural.¹⁰

Desde seu achamento, o território brasileiro recebeu grande número de viajantes que, permeados pelos objetivos de suas viagens, relataram a experiência que tiveram nestas terras. Mas Sérgio Buarque de Holanda nos mostra que a atuação portuguesa na literatura de viagem foi diferente. A visão edênica não estava presente e a empresa portuguesa parecia mais “uma vasta empresa exorcística”, no sentido de trabalhar com ideias palpáveis. Com o que o autor exemplifica, podemos citar basicamente alguns pontos que diferenciam as viagens lusitanas dos demais europeus: a busca por riquezas estava restrita às limitações humanas e terrenas; preferiam a experiência direta ao invés de especulações para explicar o novo mundo; admitiam o maravilhoso apenas quando a experiência imediata que tinham não contribuía para explicar o mundo ao redor, até o momento em que pudessem refazer seus entendimentos. Em resumo, “os olhos que enxergam, as mãos que tateiam, hão de mostrar-lhes constantemente a primeira e a última palavra do saber”.¹¹

¹⁰ SARAT, Magda. “Literatura de viagem”: olhares sobre o Brasil nos registros dos viajantes estrangeiros. **Patrimônio e Memória**, São Paulo, v. 7, n. 2, dez. 2011, p. 34.

¹¹ HOLANDA, Sérgio Buarque. Experiência e fantasia. In: **Visão do Paraíso: os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil**. 6. ed. São Paulo: Brasiliense, 1996, p. 1-11.

Para ajudar a entender o sentido das viagens, há a divisão em três fases: a primeira relaciona-se com o período “da descoberta e colonização da América, sendo marcado pelos relatos e crônicas de Cristóvão Colombo, Pero Vaz de Caminha, Bartolomeu de Las Casas, Pedro Magalhães Gandavo ou Gabriel Soares de Souza.” A segunda fase está ligada “à ideia científica de viagem, tão comum no século XIX”. E a última fase “identifica-se com o movimento modernista da década de 1920, tendo como características a redescoberta e valorização do primitivo, e a metáfora oswaldiana da antropofagia cultural nas relações entre o Brasil e a Europa.”¹²

A América espanhola já passava pela segunda fase das viagens antes da América portuguesa, isso porque a Coroa espanhola já autorizava e também financiava missões científicas nos setecentos, mas apenas com a expedição de Alexandre von Humboldt, de 1799 à 1804, é “que define-se o moderno modelo de expedição científica, intimamente associada à expansão do conhecimento.” Na América portuguesa, as viagens de cunho científico acontecem apenas com a vinda da Corte portuguesa para o Rio de Janeiro em 1808.¹³

Entre os nomes mais conhecidos dos viajantes que passaram pelo território brasileiro no século XIX estão Johann Baptist von Spix, Carl von Martius, Jean-Baptist Debret, Johann Moritz Rugendas, Auguste de Saint-Hilaire, Robert Avé-Lallemant, Thomas P. Bigg-Witther. Todavia, o trabalho dos viajantes, em especial daqueles considerados naturalistas, fora de início considerado um trabalho menor, não muito valorizado. Muitos preferiam estar cercados em seus escritórios por inúmeros livros e coleções de história natural e acesso a diversas bibliotecas, herbários e jardins botânicos; preferiam abdicar das viagens (não fáceis) pelo mundo para terem sempre ao alcance esse material, coisa que àquele que se empenhava em terras novas praticamente não tinha; este, no momento da viagem, era mais um coletor.¹⁴

Em contraposição, havia quem era contra essa ideia do viajante-naturalista e que defendia que a experiência era muito valiosa. O maior defensor das viagens era Alexander von Humboldt, e defendia

[...] que impressões estéticas experimentadas pelo viajante em cada região fazem parte da própria atividade científica e não podem ser substituídas por

¹² PAZ, Francisco Moraes. **Na poética da história**: a realização da utopia nacional oitocentista. Curitiba: UFPR, 1996, p. 200.

¹³ Ibid., p. 204.

¹⁴ KURY, Lorelai. Viajantes-naturalistas no Brasil oitocentista: experiência, relato e imagem. **História, Ciências, Saúde – Manginhos**, Rio de Janeiro, v. 8, supl., 2001, p. 864.

descrições ou amostras destacadas dos lugares onde foram coletadas.¹⁵

No fim das contas as duas ideias se completavam, pois, tornava-se uma divisão do trabalho.

A importância de Humboldt para a definição das expedições científicas nas Américas é tamanha que com ele se inicia a propagação do pensamento rousseauiano de viagens. De acordo com o historiador Francisco Moraes Paz, o filósofo Rousseau propõe que “as viagens de estudo são fundamentais para a obtenção de experiência científica e pessoal, de modo a compor parte da formação intelectual dos homens de ciências, letras e artes.” Diante disso, as expedições de Humboldt mostram duas características próprias: a primeira é o caráter científico de viagem como posto por Rousseau que muda a composição da literatura de viagem, agora com tom científico e não como crônicas pessoais. A segunda característica molda um novo modelo de expedição europeia, já que até então essas viagens delimitavam-se apenas ao litoral do continente; a partir de agora começa-se a adentrar ao interior, resultado de “interesses intelectuais e materiais”, inventariando “aquilo que está além daqueles contornos e a revelar as riquezas das terras distantes – sejam metais preciosos, sejam matérias-primas.”¹⁶

2.2 LITERATURA DE VIAGEM

A literatura de viagem já se firmou como um conjunto de fontes de rica importância na historiografia. Contudo, até o fim do século XVIII as viagens empreendidas não tinham ainda o volume que começariam a ter a partir do século XIX. Com as revoluções na América do Sul no início dos oitocentos, o contato das antigas colônias com a Europa, sem ser apenas com as respectivas metrópoles, frutificaram. Trouxeram inúmeros viajantes, de várias ocupações: naturalistas, médicos, engenheiros, agrônomos, criadores de gado, comerciantes, artistas, militares, etc.¹⁷

¹⁵ KURY, 2001, p. 865.

¹⁶ PAZ, 1996, p. 205.

¹⁷ SARAT, 2011, p. 38. PRATT, Mary Louise. Reinventando a América II: a vanguarda capitalista e as “exploratrizes sociais”. In: **Os olhos do império**: relatos de viagem e transculturação. Bauru: EDUSC, 1999, p. 251-252.

A documentação que compõe os relatos é diversa: diários e anotações de pesquisa, cartas oficiais e pessoais, desenhos e pinturas etc. Conforme coloca a historiadora Magda Sarat:

Os conteúdos dos textos têm caráter e linguagem diferenciada, de acordo com os motivos da viagem, com a formação do viajante e com os remetentes para os quais eles eram endereçados. Alguns foram editados muito tempo depois da viagem, outros foram escritos tomando-se por base anotações de outrem, o que permite uma diversidade de interpretações. Outros são textos de caráter público ou oficial, endereçados a governos, tais como relatos diplomáticos e relatórios de expedições destinados aos órgãos de financiamento, ou foram escritos para serem publicados em jornais e revistas. Há, também, os registros de caráter privado, como as cartas que a princípio foram escritas para amigos, parentes e conterrâneos, isto é, sem a intenção de serem publicadas, e as cartas que foram escritas com o intuito de serem públicas, endereçando-se a entidades, pessoas e locais públicos.¹⁸

Sarat levanta dois pontos importantes ao trabalhar com estas fontes, que não devem passar despercebidos. Um se refere às generalizações feitas pelos viajantes acerca do cotidiano das pessoas, já que os aspectos de pequeno grupo podem não refletir ao de uma região maior, como de uma província e até do país inteiro. O outro aspecto limitante são as intenções e motivos das viagens empreendidas, que direciona o modo como o relato é registrado, “pois indicava os locais a serem visitados, indicava o grupo de convivência de que o viajante deveria participar e quais as observações que seriam feitas, além da própria direção dessas observações.”¹⁹

Eram outros tempos. Todo historiador sabe que os homens são filhos de sua época e o trabalho com a literatura de viagem não foge à regra. Preconceituosos, generalizadores, parciais, são algumas das qualificações que podem ser dadas aos viajantes, entretanto, é importante que o pesquisador tenha o olhar distanciado e interpretativo da fonte, o que às vezes é necessário até evitar “as intromissões de um sentimento nacionalista de defesa do próprio território” por parte daquele que se debruça nestes estudos.²⁰

O cotidiano para um habitante é rotineiro e natural. O olhar do estrangeiro rompe o habitual e revela o estranhamento, provoca afastamento e também “fascínio diante de uma realidade diferente, que é observada de acordo com as concepções e interesses dos indivíduos e que passa a ser registrada à luz de suas

¹⁸ SARAT, 2011, p. 37.

¹⁹ Ibid., 38-39.

²⁰ Ibid., 40-41.

experiências.” A experiência que o viajante carrega faz com que ele retrate o Brasil de acordo com sua mentalidade e suas ideologias: aqui temos vários estereótipos lançados à luz sobre o país, ou melhor, sobre certas regiões do território brasileiro.²¹

De modo genérico, os relatos de viajantes europeus revelam o seguinte:

[...] ora expressam valorização da Europa como berço da civilidade, em contraste com o primitivismo a que estavam entregues os outros povos, envolvidos em práticas de canibalismo e superstições de toda sorte; ora instigam a difusão de uma visão paradisíaca e exuberante do espaço natural e geográfico, com descrições de uma natureza pródiga e diversa; ora acusam a presença da indolência, do ócio e da selvageria nas relações sociais como resultado da miscigenação; ora defendem a necessidade de um processo civilizador que transformasse o território e permitisse melhores condições de ocupação.²²

Paz identifica também que, apesar de todo o movimento de produção de uma escrita científica no século XIX, “o discurso do viajante aproxima-se mais do texto literário, pois comporta os exercícios de reflexão, crítica ou ironia”, guiado pelos detalhes, sensações e subjetividades, mas ainda assim permeado por uma consciência social.²³

Importante ainda é a diferença que Paz faz entre o significado de *ver* e o de *olhar* do viajante estrangeiro:

Enquanto o *ver* identifica-se com uma atitude passiva e confunde-se com um dócil deslizamento sobre as coisas, o *olhar* traduz uma atividade do sujeito, um desejo confesso de penetrar nas coisas, de *ver de novo*. Ao permanecer num nível superficial, a visão afasta-se das lacunas e das incoerências, e apreende uma suposta totalidade, uma aparente coesão; de forma desatenta, sugere a contração da subjetividade. Suspeitando desse primeiro nível, o olhar lança-se sobre os limites e interstícios da paisagem, no propósito de fragmentá-la. Rompendo com a superfície lisa da visão, o *olhar* ultrapassa o logro das aparências.²⁴

Esse *olhar* também é um *olhar armado*, mesmo com a almejada neutralidade científica. “Vendo-se como integrantes de outra sociedade”, comenta Paz, “os viajantes estabelecem uma relação de confronto ou de comparação entre dois mundos ao longo de suas narrativas. Irônico, sutil ou crítico, o olhar do viajante propõe-se a ser imparcial e capaz de captar as reais potencialidades da jovem nação.”²⁵ Jovem nação essa que, no projeto nacionalista do século XIX, o discurso dos viajantes estrangeiros era tido como o mais real, por ser uma observação *de fora*,

²¹ SARAT, 2011, 41-42.

²² Ibid., p. 42.

²³ PAZ, 1996, p. 207-208.

²⁴ Ibid., p. 208.

²⁵ Ibid., p. 289.

sem os vícios dos discursos das autoridades, estes mais parecidos com os interesses da antiga metrópole dos que com os problemas reais do Brasil. Contudo, a fala dos viajantes também tem seus interesses e princípios. Conforme nos aponta Francisco Paz, “os relatos são marcados por frequentes atitudes de desprezo para com a sociedade.”²⁶

Uma análise interna das narrativas de viajantes nos oitocentos nos mostra a intensidade de descrição do mundo observado. Estradas, habitações, vilarejos, fazendas, tudo tende a ser sumariamente descrito. Existe então um caráter inventariável nos relatos. E nas localidades mais afastadas dos grandes centros é onde os viajantes mais buscam explicações para entender aquele jeito de viver. As relações sociais chamam muito a atenção. “A sensação de estranhamento está sempre presente e [...] por mais generosos que desejem ser, os viajantes acabam por revelar suas críticas”, coloca Francisco Paz. A hospitalidade recebida pelos viajantes em terras mais distantes, por exemplo, sobressai como elogio a povo que ainda não conhece a real civilidade.²⁷ Isso podemos enxergar muito bem na narrativa de Bigg-Wither, a ser explorada no próximo capítulo, em que a hospitalidade acaba por vezes a abafar qualquer outro problema tido pelo viajante.

2.3 BIGG-WITHER E SEU RELATO SOBRE AS TERRAS MERIDIONAIS DO BRASIL

Bem-nascido em Hampshire, Inglaterra, em 16 de outubro 1845, Thomas Plantagenet Bigg-Wither, tinha nove irmãos e vinha de uma rica família da região, dona de algumas grandes propriedades desde o século XIV.²⁸ Bem-educado, estudou no Bradfield College, em Berkshire, e no renomado King’s College, em Londres. Iniciou os estudos em engenharia civil aos 20 anos e mesmo antes de se formar já foi contratado para trabalhar nas docas da cidade portuária de Portsmouth. A experiência obtida nesse serviço foi importante para que sua vinda ao Brasil fosse realizada.

Tinha bons contatos na terra natal, como com o renomado editor de livros John Murray, que em seu retorno à Inglaterra ajudou-o na publicação das suas

²⁶ PAZ, 1996, p. 281.

²⁷ Ibid., p. 322-329.

²⁸ CARNEIRO, Newton. *Nota Biográfica de Thomas Plantagenet Bigg-Wither*. In: BIGG-WITHER, Thomas P. **Novo caminho no Brasil meridional: a Província do Paraná. Três anos de vida em suas florestas e campos – 1872/1875**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1974, p. XXIV-XXVI.

anotações da viagem ao Brasil entre 1872 e 1875. Após Bigg-Wither organizar seu livro, Murray lançou-o no meio cultural de Londres. Na época, livros que contavam experiências de viagem pelo mundo eram consumidos intensamente, fazendo com que Bigg-Wither tivesse notoriedade no meio literário.

Infelizmente, teve um triste fim de vida. Depois de casar-se em 1876 e a viver na Inglaterra, começa a construir a casa que planejara desde a época do noivado (antes de viajar ao Brasil), que afeta sua situação financeira. Assim, procura novo emprego mais rentável em 1882 no antigo Império da Índia, sendo engenheiro residente na Estrada de Ferro Central de Bengala. Cinco anos depois é promovido a diretor técnico, lhe exigindo foco e responsabilidade. Já debilitado por causa do estresse do trabalho e das condições climáticas da região, recebe a notícia de que um filho está doente e então, em 1890, embarca em um navio de retorno ao lar, mas no meio da viagem, aos 44 anos, não resiste e deixa Mary Grace Woodgate viúva e quatro filhos sem pai.

A obra original, *Pioneering In South Brazil: three years of forest and Prairie life in the Province of Paraná*, é publicada em 1878, em dois volumes, pela renomada editora londrina Albemarle Street. A edição brasileira é lançada em 1974, sendo o volume de número 162 da Coleção Documentos Brasileiros, dirigida por Afonso Arinos de Melo Franco, com nota biográfica de Newton Carneiro e tradução e introdução feita por Temístocles Linhares²⁹.

Na Introdução da versão brasileira, Linhares comenta que o título abrangente da obra em inglês fazia-se necessário na época devido ao distanciamento geográfico e o desconhecimento do interior do Brasil pelos europeus³⁰, apesar de no subtítulo já delimitar a área geográfica: *Province of Paraná*.

Livros do gênero de narrativas de viagem faziam sucesso assim como os romances. É muito provável que *Pionnerig in South Brazil* tenha inspirado muitos romancistas vitorianos, como Thomas Hardy. Este, em seu livro *Tess of the D'Urbervilles*, de 1891 (treze anos após a publicação dos relatos de Bigg-Wither), traz um dos personagens até a Colônia Assungüi, próxima a Curitiba, para “participar das

²⁹ Temístocles Linhares (1905-1993) foi um crítico literário e professor brasileiro, nascido em Curitiba. Ao longo de sua vida, foi colaborador de jornais de grande circulação pelo Brasil e de inúmeras revistas da área da Literatura. Foi professor da Universidade de Coimbra e da Universidade Federal do Paraná.

³⁰ LINHARES, Temístocles. *Introdução*: algumas palavras sobre o livro e sobre o autor. In: BIGG-WITHER, op. cit., p. XIII.

amarguras e decepções” de seus conterrâneos ingleses em terras tropicais do Brasil – região essa descrita por Bigg-Wither.³¹

Além do nosso engenheiro inglês, outros dois importantes viajantes europeus passaram pela região do Paraná: o naturalista francês Auguste de Saint-Hilaire e o médico alemão Robert Avé-Lallemant. Entre a visita de Saint-Hilaire, Avé-Lallemant e Bigg-Wither se passam mais de cinquenta anos. O primeiro, esteve no Brasil entre 1816 e 1822, portanto o Paraná não existia ainda como Província. Viajando de São Paulo à Santa Catarina, passou pela então pela Comarca de Curitiba, a qual faz alguns registros em seu livro *Viagem pelas províncias de São Paulo e Santa Catarina*, publicado na Europa em 1851. O segundo viajante, publica na Alemanha *Viagem pelo Sul do Brasil no ano de 1858*, um ano após sua passagem pelo Brasil.

Como os trechos referentes à região do Paraná não preenchiam a maior parte dos livros desses dois viajantes, editoras brasileiras lançaram edições apenas com as partes ditas.³² Diferentemente do livro de Bigg-Wither, que a edição brasileira conta com mais de 400 páginas especificamente para o Paraná e também sobre o caminho percorrido até chegar ao seu destino – a viagem de navio e a pousada no Rio de Janeiro.

2.4 O BRASIL E O PARANÁ NA DÉCADA DE 1870

O encontro de Thomas P. Bigg-Wither com as terras brasileiras ocorre em 19 de junho de 1872, no Rio de Janeiro, depois de 21 dias de viagem vindo da Inglaterra a bordo do navio Lusitânia. A Guerra do Paraguai já havia terminado a dois anos, mas seus reflexos continuavam atingindo as esferas política, social e econômica até o fim do período monárquico. Esse conflito enfraqueceu o Império, pois a Tríplice Aliança acreditava que em poucos meses a guerra estaria resolvida; acontece que foram cinco longos anos de conflito. Os esforços econômicos de guerra do Brasil resultaram num gasto de 600 mil contos de réis, transformando aquela dependência financeira perante a Inglaterra após a Proclamação da Independência em algo agravante. O número de soldados brasileiros enviados à guerra é incerto, estando

³¹ LINHARES. 1974, p. XVI-XVII.

³² A Fundação Cultural de Curitiba foi a responsável por essas edições. Em 1995, é lançado pela coleção Farol do Saber "Viagem pela comarca de Curitiba", que trata especificamente da passagem de Auguste de Saint-Hilaire, e "1858, viagem pelo Paraná", dos trechos de Robert Avé-Lallemant.

entre 100 e 140 mil. Desses, quase 24 mil homens entraram nas estatísticas como feridos, mortos ou desaparecidos. Conforme Schwarcz e Starling, foi uma guerra que chocou pela crueldade de como as batalhas foram conduzidas, além da figura do imperador D. Pedro II ter ficado muito gasta. “O antes pacífico monarca, o mecenas das artes avesso à política, transformou-se no senhor da guerra”, completam as autoras.³³

A questão da abolição da escravidão também ganhou corpo a partir da década de 1870, ganhada força com a Guerra do Paraguai. Para o conflito foram enviados quase 8000 negros e o alistamento foi uma forma de conseguir a alforria desejada. A carreira no Exército tornava-se uma posição social, *status* até então desconhecido, e os militares ao conviver com soldados negros começaram a negar a buscar por escravos fugidos. Vemos então a conciliação de duas causas importantes nas duas últimas décadas do período imperial: a abolição da escravidão e o anseio republicano, ambas simpatizadas pelo Exército. Contudo, a elite escravocrata brasileira não aceitava o fato de ver negros voltando da guerra em liberdade e então os conduzia, mesmo alforriados, ao cativeiro, “porque no Brasil dessa época a liberdade de um negro era troféu difícil de guardar”, aponta Schwarcz e Starling.

Também na década de 1870, a agitação em prol da causa republicana e abolicionista fizeram surgir diversas associações para divulgar tais ideias, como o jornal A República, o Partido Republicano, a Sociedade de Libertação no Rio de Janeiro e a Sociedade Emancipadora do Elemento Servil. Essas sociedades surgiram no Paraná apenas na década seguinte, que foram a Sociedade Redenção Paranaense, em Paranaguá, e da Sociedade Ultimatum, em Curitiba, que comprava escravos para em seguida alforriá-los, além de promover fugas deles e encaminhá-los à São Paulo.³⁴ Em setembro de 1871 temos a promulgação da Lei do Ventre Livre, que, mesmo tendo um tom bastante moderado, mostra avanços na questão do fim da escravidão. Bigg-Wither, ao descrever os escravos nas ruas do Rio de Janeiro, comenta esperançoso sobre esta lei, mas também entende o seu tom moderado:

[...] No Brasil, agora, não nascem mais escravos. Silenciosa, mas firmemente, a lei de 1871 está extirpando a escravidão no país. Não houve e nem haverá modificações violentas nas leis sociais há muito estabelecidas, mas de ano para ano desaparece a raça de escravos para dar lugar a uma

³³ SCHWARCZ, Lilia Moritz; STARLING, Heloisa Murgel. “Ela vai cair: o fim da monarquia no Brasil”. In: **Brasil: uma biografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015, p. 297 et seq.

³⁴ WACHOWICZ, Ruy Christovam. **História do Paraná**. 2. ed. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2010, p. 166. STECA, Lucinéia Cunha; FLORES, Mariléia Dias. **História do Paraná: do século XVI à década de 1950**. Londrina: EDUEL, 2002, p. 61-62.

nova e crescente população de gente livre.³⁵

Além de toda essa conjuntura política da década de 1870, as regiões mais populosas do Brasil sofriam com um surto de febre amarela, em especial no Rio de Janeiro, que afetou diretamente a expedição que Bigg-Wither fazia parte, com a morte do Capitão Palm, chefe da expedição. Ele afirmava que já era impossível erradicar totalmente a doença, que no ano de 1872 já tinha se apoderado da cidade do Rio de Janeiro. Os verões sem chuva eram os períodos em que o número de casos de febre amarela saltavam, diminuindo no inverno. A análise do viajante sobre a insalubridade do Rio de Janeiro, que facilitavam o surgimento desta doença, se baseava em causas artificiais e causas naturais. Sobre as causas artificiais, o viajante observa que

[...] a cidade está construída em plano perfeito, em terreno outrora pantanoso, poucos pés acima do nível do mar, sem caimento suficiente, portanto, para a drenagem. E o fato é que o sistema de escoamento está bem longe de ser perfeito, embora grandes melhoramentos tenham sido introduzidos nos últimos anos. Até os habitantes se compenetrarem dos benefícios essenciais da higiene e praticarem essa virtude com o mesmo zelo com que o fazem em ganhar dinheiro, o governo continuará a ter enormes dificuldades a vencer ao propor condições sanitárias gerais para a cidade dentro de melhorias razoáveis.³⁶

Também, as condições de higiene dos hotéis que ele passou no Rio de Janeiro, nada boas, são totalmente favoráveis para o surgimento da febre amarela e que nas casas particulares essas condições não devem ser muito diferentes.³⁷

Descrevendo as causas naturais para a proliferação da febre amarela, percebe que

A estagnação do ar é causada pela baía (em cujas margens imediatas a cidade está edificada), cercada por altos morros. A estagnação das águas é devida à impossibilidade de mudança, a não ser aos poucos, por causa da estreiteza do canal de comunicação com o oceano. São essas as duas grandes fontes naturais de doença no caso e é, por isso, que quando uma doença como a febre amarela se apodera da cidade, sua exterminação não pode deixar de ser questão de extrema dificuldade, senão de absoluta impossibilidade.³⁸

Assim como observou Bigg-Wither, “no decorrer da década de 1870,

³⁵ BIGG-WITHER, Thomas Plantagenet. **Novo caminho no Brasil meridional**: a província do Paraná, três anos de vida em suas florestas e campos – 1872/1875. Tradução de Temístocles Linhares. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1974, p. 17.

³⁶ Ibid., p. 25.

³⁷ Ibid., p.25-26.

³⁸ Ibid., p. 26

a febre amarela tornou-se a *questão* de saúde pública no Brasil”, afirma Sidney Chalhoub.³⁹ O Império estava passando pela segunda grande epidemia da doença: a primeira foi na década de 1850; no decorrer de quase toda a década seguinte não casos registrados; ressurgiu em 1868, com grandes surtos em 1873 (um ano após nosso viajante desembarcar no Rio de Janeiro) e 1876 – só foi combatida com sucesso no início do século seguinte.

A doença teve um aspecto fundamental nos rumos políticos e sociais do período: “se na década de 1850 o nexo fundamental parecia estar na relação entre febre amarela e escravidão”, afirma Chalhoub, “a associação entre febre amarela e imigração é agora o aspecto crucial a reter para o entendimento dos novos sentidos políticos e ideológicos da doença na década de 1870. ” Ou seja, nessa década, a doença estava dificultando o projeto de branqueamento da sociedade brasileira, que seria feita pela imigração de europeus, com a intenção de substituir os negros nas lavouras, visto que já se se desenhava o rumo para o fim da escravidão, como dito acima, pela Lei do Ventre Livre de 1871.

Comparando a febre amarela com a cólera, esta não teve atenção das autoridades pois era vista como a doença da escravidão, dos trabalhadores negros, a “doença do passado”, enquanto a febre amarela era a “doença do futuro”, dos imigrantes, do novo modo trabalho que se instalaria em breve no Brasil. Bigg-Wither entende que os brasileiros e os negros são imunes à febre amarela, e destaca que atinge com maior facilidade os imigrantes, como analisado no estudo de Sidney Chalhoub. Em relação a esses imigrantes, o viajante relata que

A grande mortalidade sempre ocorre na classe mais baixa, especialmente entre portugueses e italianos, proverbialmente os mais sujos nos seus hábitos. Os ingleses e os alemães [...] parecem sofrer menos, o que é provavelmente devido ao fato de pertencerem a um [*sic*] classe melhor do que as anteriormente mencionadas e, portanto, não sujeitos às mesmas causas geradores de doença.⁴⁰

Podemos pensar sobre essa “classe mais baixa” que o viajante nos diz, ainda com base no estudo de Chalhoub, sobre os cortiços. Esses espaços eram definidos como habitações sem o mínimo de higiene e com mais habitantes que poderiam comportar. Com o processo de imigração europeia, o número de pessoas nos cortiços aumentou muito, além de ter surgido mais cortiços pelo Rio de Janeiro.

³⁹ Para a epidemia da febre amarela no Império, foi utilizado CHALHOUB, Sidney. “Febre amarela”.

In: **Cidade febril**: cortiços e epidemias na Corte Imperial. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

⁴⁰ BIGG-WITHER, 1974, p. 26.

Quando Thomas Bigg-Wither passar por Paranaguá, outra cidade portuária, observa ser um local muito insalubre e, como acontece no Rio de Janeiro, as pessoas que lá residiam não reclamavam da situação. E ainda:

A verdade é que ninguém gosta de conversar sobre tais coisas desagradáveis. Enquanto cada cidadão puder ganhar o seu dinheiro e livrar-se da febre amarela, ele se contentará em persuadir a si mesmo [...] que vive num verdadeiro paraíso de saúde. Quando fica doente [...] se arrepende da apatia egoísta com que se recusou a enxergar um perigo que, sem dúvida, gostaria de não correr.⁴¹

Demonstra ainda preocupação que se Paranaguá crescesse poderia ter focos problemáticos da doença, assim como no Rio de Janeiro.

Quando o engenheiro inglês volta ao Rio de Janeiro em 1875 depois do trabalho feito no Paraná, e permanece lá por cinco meses antes de partir de volta para casa, se assusta muito com o estado da doença na cidade. Segue o relato:

Eu podia recompor a pintura terrível dos horrores destes cinco meses – do interesse mórbido que tínhamos dia a dia em examinar os índices crescentes da mortandade, à medida que a epidemia avançava e a febre aumentava de intensidade – dos espetáculos diários dos caixões de defunto, descobertos e disformes, em disparada através das ruas da cidade, na pressa cruel de chegar aos cemitérios e, por fim, do lento minar das forças do corpo e do espírito causado em cada um de nós.⁴²

A década de 1870 é também considerada um marco divisório na história da província do Paraná. Depois da Guerra do Paraguai a elite política paraense começou a ganhar mais força e autonomia frente ao restante do país, pois até então todo presidente que governou o Paraná vinha de outras províncias do Brasil para ganhar experiência política e administrativa nela.⁴³

Na chegada de Bigg-Wither, havia no Paraná quinze municípios – quatro situados no litoral, cinco na região de Curitiba, cinco nos Campos Gerais e, ao centro-sul, Guarapuava⁴⁴ –, mas também contava com núcleos e colônias de imigrantes estrangeiros espalhados pelo território, como a Colônia Teresa e Assungüi.

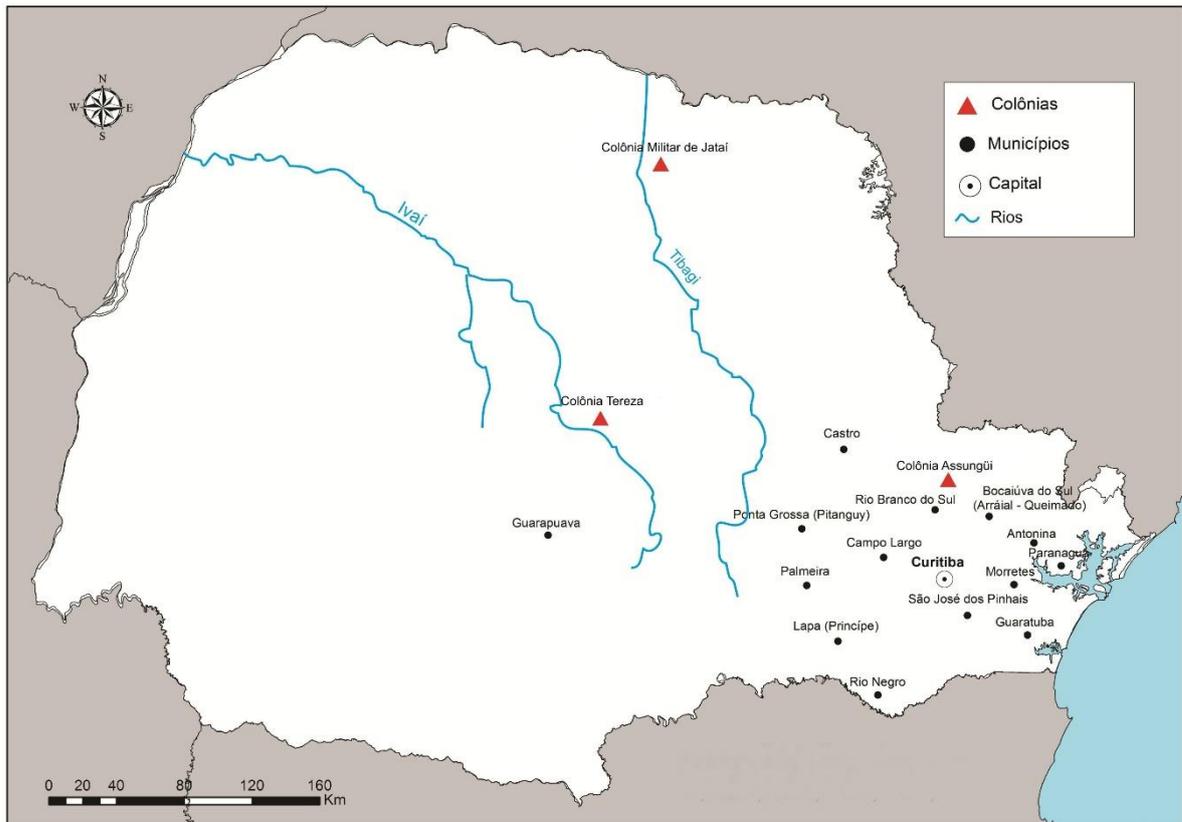
⁴¹ BIGG-WITHER, 1974, p. 34.

⁴² Ibid., p. 402.

⁴³ WACHOWICZ, 2010, p. 149.

⁴⁴ PARANÁ. **Relatório com que o Exm. Sr. Presidente D. Venancio José de Oliveira Lisboa abriu a 1ª Sessão da 10ª Legislatura da Assembleia Legislativa Provincial do Paraná no dia 15 de fevereiro de 1872.** Curitiba: Typographia da Viúva & Filhos de G. M. Lopes, 1872, p. 4. As citações literais retiradas dos relatórios dos presidentes e dos jornais do período estão aqui transcritas do jeito que foram redigidas.

Mapa 1 – Municípios e principais colônias no Paraná na década de 1870



Fonte: PARANÁ (1872).

Bigg-Wither trata de descrever e analisar os problemas dessas colônias em seu relato, como veremos no segundo capítulo, além de fazer uma crítica ao modo de como a imigração europeia foi realizado. Segundo o censo realizado em 1872, dos 126.722 habitantes, 2.889 eram de nacionalidade estrangeira e haviam 10.560 escravos.⁴⁵

⁴⁵ BRASIL. **Recenseamento do Brazil em 1872**. v. 9. Rio de Janeiro: Typ. G. Leuzinger, 1874.

3 UMA ANÁLISE DA NARRATIVA DE VIAGEM DE THOMAS P. BIGG-WITHER

3.1 O CARÁTER DA EXPEDIÇÃO EM TERRAS PARANAENSES

Pelo decreto nº 4.851 de 22 de dezembro de 1871, o Império do Brasil permitiu estudos para a implantação de uma linha ferroviária que ligaria o Paraná até a província do Mato Grosso e de linhas de navegação pelos rios Ivaí, Ivinhema, Brilhante e Mondego, e assim se formou a *Parana and Mato Grosso Survey Expedition*, companhia que Thomas Bigg-Wither trabalhou no Brasil. Foram Capitão Christian Palm, Barão de Mauá, William Lloyd, Antonio Pereira Rebouças e Dr. Thomaz Cockrane os que requereram permissão para realizar as explorações nessa região.⁴⁶ O presidente da província do Paraná Dr. Venâncio José de Oliveira Lisboa, em relatório apresentado à Assembleia Legislativa em fevereiro de 1872, viu com entusiasmo o início desses estudos para o progresso da província:

Esta empresa, a maior até hoje planejada no Brazil pela importancia de seu custo e vantagens economicas e politicas, entende principalmente com o futuro desta provincia, porque atravessa em quasi toda sua extensão de E. a O. [leste a oeste].⁴⁷

O Capitão Christian Palm, muito elogiado por Bigg-Wither em seu relato, foi peça chave para a instalação dessa expedição. Se uniu ao Barão de Mauá por sua influência conhecida no Império para que o plano da empresa que trabalhava fosse realizado: uma ferrovia que atravessasse a América do Sul de leste a oeste, atravessando a Bolívia e chegando ao Peru.⁴⁸ A expedição foi bem conhecida, que até os jornais da província na época a divulgaram:

A commissão foi organizada em Londres pelo capitão Christiano Palm, sob a immediata direcção do Sr. barão de Mauá, que não poupou sacrificios para que ella viesse munida dos mais aperfeiçoados instrumentos, de botes modernissimos com folha de cobre para as explorações fluviaes, de barracas de modelo, proprias para estudos topographicos, e de provisões de boca para a travessia das florestas da provincia do Paraná.⁴⁹

⁴⁶ BRASIL. Decreto nº 4.851, de 22 de dezembro de 1871. Concede autorização para estudos de uma linha ferrea de Curityba a Miranda e de linhas de navegação nos rios Ivahy, Ivinheima, Brilhante e Mondego. **Colecção das Leis do Império do Brasil de 1871**, Rio de Janeiro, R.J., 1871. Tomo XXXIV, pt. 2, p. 775.

⁴⁷ PARANÁ. **Relatorio com que o Exm. Sr. Presidente Dr. Venâncio José de Oliveira Lisboa abriu a 1ª sessão da 10ª legislatura da Assembleia Legislativa Provincial do Paraná no dia 15 de fevereiro de 1872**. Curitiba: Typographia da Viuva & Filhos de G. M. Lopes, 1872, p. 18.

⁴⁸ O DEZENOVE DE DEZEMBRO. Anno XXI. N 1486. 7 de março de 1874. p. 4.

⁴⁹ Ibid.

Capitão Palm chefiou a companhia, que contava com dezesseis engenheiros. A expedição foi dividida em quatro grupos: os grupos I e II ficaram encarregados de estudar o terreno do Paraná, sendo o grupo I encarregado de mapear a região entre Curitiba e a Colônia Teresa e o grupo II incumbido de estudar certa parte entre a Colônia Teresa e um ponto do Rio Ivaí, denominado Corredeira de Ferro. Já os grupos III e IV ficaram responsáveis pelos estudos entre a região de Miranda, no Mato Grosso, e a Corredeira de Ferro. Cada grupo era formado por “três engenheiros e um cartógrafo ou delineador.”⁵⁰

Bigg-Wither fazia parte do segundo grupo.⁵¹ Além desses profissionais, ficou registrado que contratavam homens para ajudar nos serviços mais pesados, brasileiros, indígenas e estrangeiros, número que chegava a quase cinquenta ajudantes.⁵² O trabalho pesado para um homem britânico “de classe inferior”, de acordo com Bigg-Wither, não era satisfatório, como é possível observar no relato:

[...] Um homem que na Inglaterra trabalha dez horas por dia, com a picareta e a pá, ganhando 2s. 6d. ou 3s., contenta-se com um pedaço de pão com queijo ou pão com toucinho de fumeiro e uma caneca de cerveja nas horas regulares. Mas, saindo para outros países, queixa-se das privações por que passa por ter de acender o fogo e cozinhar para si, ou ainda por ter de caminhar durante cinco horas, em vez de trabalhar com a picareta o dobro do tempo, mesmo ganhando o dobro (como alguns dos nossos homens), ou seja cinco libras por mês, livres de despesas. A verdade é que, sem dúvida, falta ao trabalhador europeu a capacidade de se adaptar às contingências. [...] eu começava já a perceber o erro em que havíamos incorrido trazendo esses europeus conosco e que eles iriam mais atrapalhar-nos do que ajudar-nos no serviço.⁵³

Depois da estadia de cinco semanas no Rio de Janeiro, partiram “sem nenhuma saudade” no dia 24 de julho de 1872 para a Província do Paraná em dois navios, aportando em Paranaguá. Nesta cidade os grupos se dividiriam pela primeira vez – os grupos III e IV continuariam viagem até Miranda, pelo rio da Prata, depois de algumas horas de descanso na cidade. O caminho dos grupos I e II foi: de Paranaguá até Antonina por barcaças, depois dessa cidade até Curitiba por carroças puxadas por cavalos, pela estrada da Graciosa. Curitiba era o ponto inicial de trabalho do grupo I e para o grupo II ainda havia longa distância até Colônia Teresa, onde iniciariam seus trabalhos; este grupo seguiria até a Colônia com a ajuda de mulas arranjadas dos

⁵⁰ BIGG-WITHER, 1974, p. 28.

⁵¹ Ibid., p. 53.

⁵² O DEZENOVE DE DEZEMBRO. Anno XIX. N 1323. 07 de agosto de 1872. p. 3.

⁵³ BIGG-WITHER, op. cit., p. 62.

tropeiros.

A contratação dos ajudantes pela equipe de Bigg-Wither (grupo II), que era liderada por Curling, não era feita facilmente. Após o grupo II chegar ao local onde iniciariam os trabalhos, isto é, em Colônia Teresa, uma das primeiras coisas a terem feito foi procurar mão-de-obra suficiente para os serviços. Para conseguirem homens da Colônia, o pagamento deveria consistir, além de dinheiro, em grande quantidade de alimentos, pois como esses homens trabalhavam a terra para produzirem apenas para a subsistência geral dos colonos e sem reservas, a grande quantidade de alimentos exigida era não somente para os trabalhadores contratados, mas também para a Colônia inteira.⁵⁴ Em cálculo feito pelo engenheiro, o gasto da expedição girou entre 30 mil e 40 mil libras, sendo gasto com os homens contratados na Colônia Teresa mais da metade desse valor.⁵⁵

Mas havia uma certa resistência por parte dos trabalhadores contratados da Colônia, o que Bigg-Wither chamou de teimosia. Segundo ele,

Foi algumas semanas após o início do trabalho que os homens da colônia começaram a mostrar os primeiros sinais de teimosia, além da disposição de combinar, reunidos, propósitos de coerção de uma forma ou de outra.

Embora, naqueles primeiros dias, conseguíssemos sem muita dificuldade impor a nossa vontade contra a resistência deles, a admoestação não podia ser subestimada, como sintoma de um perigo que podia, sem as devidas precauções a serem tomadas contra ele, emergir de súbito em futuro próximo e ocasionar desastre insuperável.

Esse perigo residia no poder que os homens tinham de nos abandonar *em massa*, a qualquer momento, sem nenhum prejuízo apreciável para eles, mas sim em detrimento enorme dos trabalhos de exploração.⁵⁶

Três medidas foram tomadas pelo grupo de Bigg-Wither para terem o controle dos homens contratados. Em primeiro lugar foi instituído o contrato de trabalho escrito, baseado na lei de 13 de setembro de 1830, que determinava ao empregado “a permanecer por certo período na expedição”. Em segundo lugar, àqueles que não puderam conseguir a assinatura do contrato, foi concordado “não lhes ser possível abandonar o trabalho sem o aviso prévio de um mês, sob pena de perda do direito a qualquer soma de dinheiro que tivessem conosco”. E a terceira medida foi não os deixar juntos e sim divididos em grupos, “a fim de evitar [...] qualquer combinação desagradável por parte deles com o propósito de ameaçar a nós, os empregadores.”

⁵⁴ BIGG-WITHER, 1974, p. 147-148.

⁵⁵ Ibid., p. 193.

⁵⁶ Ibid., p. 251.

De qualquer forma, foi muito difícil conseguir que a maioria assinasse o contrato, e aqueles que assinaram só fizeram por alguns meses de trabalho, cabendo aos empregadores oferecerem pagamentos extras por mais tempo de contrato, mas que nenhum dos empregados “se obrigava a ir além de oito meses.”⁵⁷

Apesar desses esforços, os contratos escritos ou verbais não se cumpriam, visto que regularmente os empregados pediam folgas para ir até a Colônia Teresa, ou ainda, aqueles que já estavam com o contrato expirado incentivavam os outros a abandonarem os serviços, mesmo com a perda dos ganhos. Quando uma negativa de folga era dada por Bigg-Wither e sua turma aos empregados, poderia acontecer de abandonarem porque suportariam “qualquer prejuízo de dinheiro do que a ser tratado como escravo.”⁵⁸

O engenheiro-viajante considerou que o trabalhador brasileiro, “que na Inglaterra chamamos de classe laboriosa”, diz ele, está arraigado ao orgulho de ser livre em um sistema escravista e isso os fazem a recusar serviços que consideram indignos. Até se denominam como “camaradas” ou “companheiros”, ao invés de “trabalhadores”, que, segundo Bigg-Wither, julgam este “como sendo quase sinônimo de escravo”.⁵⁹

3.2 ASPECTOS DA SOCIEDADE PARANAENSE OITOCENTISTA SOB A ÓTICA EUROPEIA

Em *Novo caminho no Brasil meridional*, Thomas P. Bigg-Wither detalha diversos aspectos que compõem uma sociedade: economia, costumes, cultura, relações de trabalho, administração pública. Dito isso, como podemos enxergar o ser europeu neste viajante, através do que tem escrito sobre outra sociedade?

Magda Sarat diz que no século XIX “o viajante se posiciona como o civilizado, olhando para um povo atrasado, especialmente em momentos que exigem o enfrentamento de dificuldades.”⁶⁰ Ainda na primeira página de seu relato, Bigg-Wither reflete sobre o que os homens da expedição estão a vir a ser, ou seja, os “pioneiros da civilização” nas terras paranaenses:

Entre a multidão de passageiros [no navio que estava embarcado com

⁵⁷ BIGG-WITHER, 1974, p. 252.

⁵⁸ Ibid., 254.

⁵⁹ Ibid.

⁶⁰ SARAT, 2011, p. 42.

destino ao Brasil] podiam ser notados diversos grupos de pele clara, conversando e rindo, e aparentemente com excessiva alegria, como se fossem para uma excursão de férias, em vez de uma travessia para o outro lado do globo, a fim de enfrentar anos de penosos trabalhos e aflições [...]. Estes eram alguns homens do pequeno grupo de exploradores [...] para serem os pioneiros da civilização no ermo interior brasileiro [...].⁶¹

Essa ideia de pioneirismo aparece inclusive no título original do relato: *Pioneering in South Brazil*. Contudo, é interessante que em Bigg-Wither parece haver uma compreensão que o modo de ser europeu, quando arraigado no exterior, como o caso de imigrantes no Paraná, sofre uma espécie de degeneração da tal superioridade europeia. Comparando alemães, franceses e ingleses já estabelecidos em Curitiba, vê apenas o progresso econômico com o primeiro grupo:

A construção da estrada da Graciosa pela Serra do Mar foi o começo do progresso alemão nesta parte do país. Os hábitos de vida frugais deste povo, o seu trabalho firme e honesto logo deu margem a que grande número deles economizasse dinheiro que, na maioria, era investido prudentemente. Alguns [...] abrindo casas comerciais [...]. Outros, empregando o dinheiro na compra de cavalos e carroças [...]. O mesmo não aconteceu com os franceses. Há uma parte dos subúrbios conhecida como “quarteirão francês”. Ali, grande número de famílias vem vivendo há anos, sem alcançar nenhum progresso e sem se amoldar absolutamente ao espírito e à vida do país adotivo. Parecem estar completamente estacionários, não fazendo nem bem nem mal e não influenciando, de forma alguma, no progresso da cidade.

Seria bom que ao menos esse elogio negativo pudesse ser feito aos ingleses de Curitiba. É certo que os nossos patrícios formam uma população flutuante na cidade, indo e vindo da colônia do Assungüi, se bem que essa população flutuante seja, ao mesmo tempo, temida e detestada pelos brasileiros. Suas idas e vindas são sempre marcadas por algum distúrbio mais ou menos desagradável. “Estes ingleses são todos uns bêbados”, é o dito comum que corre sobre eles em Curitiba. [...]⁶²

O que mais toma conta das páginas escritas por esse viajante corresponde ao que engloba a natureza: campos, vegetação, terrenos, rios, clima, animais terrestres, aves, caçadas de antas, perigos com onças e cobras são o que ele desprende inúmeros páginas de descrição. Sarat diz que os relatos de viajantes criaram “estereótipos que dizem respeito à propagação de uma visão edênica e paradisíaca, calcada na valorização da natureza, pela sua exuberância, seu aspecto exótico, sua diversidade de espécies, suas plantas, animais e climas.”⁶³ Quando possível, ele faz comparações das espécies de plantas, animais, aves e terrenos vistos aqui com a de outros lugares no exterior, principalmente da sua terra-natal. A caminho de Curitiba, depois de pernoitarem em um chalé no alto da Graciosa, lembra

⁶¹ BIGG-WITHER, 1974, p. 5.

⁶² Ibid., p. 56.

⁶³ SARAT, 2011, p. 44.

que

A maravilhosa frescura do ar me fez lembrar uma daquelas manhãs de outubro, que, ocasionalmente, temos na Inglaterra. Parecia-nos estar respirando a verdadeira essência da vida enquanto caminhávamos. Tudo em volta como que partilhava desse gozo de viver. Os pinheirais repletos de variadas espécies de aves – principalmente de pica-paus e gaios.⁶⁴

Esse esforço dele, como escritor, de tentar relacionar sempre que possível o que vê durante sua viagem com o que é conhecido na Inglaterra e em outros lugares do mundo se mostra como um trabalho de comunicação com o leitor, principalmente inglês.

É importante mostrar como o viajante acaba se sentindo absorvido pela região, principalmente quando boas experiências são vividas. Como ao chegar nos Campos Gerais, que pela imensidão que a região proporcionava, “a gente se sentia diminuída fisicamente quando olhava para aquela grandeza, enquanto os nossos sentidos se expandiam indefinidamente.”⁶⁵ Outro exemplo, é a satisfação que Bigg-Wither demonstra ao refletir sobre dormir nas florestas paranaenses:

Que pode fazer um homem à procura de nova sensação de vida, fora do costumeiro refúgio de um quarto e quatro paredes? Para sua experiência, ele pode escolher uma noite tranqüila e calma de verão, num sossegado bosque ou numa mata distante, até mesmo na prosaica e ultracivilizada Inglaterra. Arrisco-me a dizer que esse homem, em poucas horas, terá sentido o prazer mais real que a sua vida passada possa lembrar, desde os dias de sua meninice.

Em vez dos bosques sem graça, ele pode escolher a magnífica vegetação de uma floresta subtropical brasileira e, em vez do conhecimento de ter em seu redor uma civilização, a certeza da ilimitada vastidão de uma terra desconhecida, habitada por homens curiosos e estranhos, e deixo isto a cargo da imaginação do leitor para que este diga até onde as suas sensações de prazer podem ser acrescidas e exaltadas.⁶⁶

Essa natureza que os cercavam em toda viagem proveu ao todo grupo da expedição as condições necessárias para viverem, principalmente com a caça, mas critica os brasileiros por estarem de certa forma anestesiados ao que a natureza provinha:

[...] ao passo que a os nossos tropeiros e os nativos se contentavam com viver comendo a gordurosa mistura de feijão com farinha, passa ano e mais ano. Nós nos maravilhávamos grandemente com a indiferença com que eles olhavam as pequenas riquezas que nos rodearam e que ali estavam para todos, sem distinção.⁶⁷

⁶⁴ BIGG-WITHER, 1974, p. 45.

⁶⁵ Ibid., p. 67.

⁶⁶ Ibid., p. 171.

⁶⁷ Ibid., p. 102.

Durante todo relato, o engenheiro inglês descreve a natureza paranaense com afeição. Até uma grande queimada que vê acontecer durante a noite, ainda a caminho do ponto inicial de trabalho de sua equipe, lhe chama a atenção para aquele “pandemônio”⁶⁸. E são tantos os trechos elogiosos que não cabe citar a maioria aqui. Também, claro, momentos de perrengue não escapou ao viajante, e “os grandes campos dos Oeste [de Curitiba], apesar de seus horizontes sem fim e de seus soberbos espetáculos, nem sempre são cor-de-rosa”⁶⁹, diz Bigg-Wither, após enfrentarem chuva torrencial durante um acampamento. Fez dos detalhes de plantas insetos grandes descrições, mas “Colocando-os como objetos para serem observados microscopicamente, Bigg-Wither falha em não os estimar de acordo com sua natureza intrínseca e sua própria referência”, diz o pesquisador em literatura pós-colonial Thomas Bonnici.⁷⁰

As relações sociais, econômicas e de trabalho podem não constituir o grosso do registro, em páginas, mas são ricas em informações de como o Paraná no século XIX se constituía. Entre vários aspectos, podemos citar a descrição de costumes dos habitantes, como o elogio que faz à hospitalidade dos paranaenses, a crítica da falta de empenho ao trabalho para gerar resultados satisfatórios, a crítica aos problemas das colônias instaladas na província e o tema indígena.

A hospitalidade, característica dos habitantes da província, foi um dos pontos positivos que Bigg-Wither registrou deles. A cada parada, a cada pouso, o dono de alguma fazenda ou algum rancho ofertava seu espaço para o viajante e sua turma descansarem e alimentarem, recusando quase sempre pagamento. “Neste país”, diz ele, “a hospitalidade é lei tradicional, que une todas as classes por igual, uma vez que ninguém pode dizer quando dela vai precisar.”⁷¹ Quanto mais se afasta das cidades maiores e mais povoadas, como as do litoral e a capital, e adentra o interior, percebe que essa hospitalidade aumenta⁷², sendo “considerado quase como um insulto o viajante armar a sua barraca perto da casa de uma fazenda, não aceitando o convite para nela entrar ou, pelo menos, tomar uma xícara de café e fumar

⁶⁸ BIGG-WITHER, 1974., p. 70.

⁶⁹ Ibid., p. 72.

⁷⁰ BONNICI, 2012, p. 174.

⁷¹ BIGG-WITHER, op. cit., p. 97.

⁷² Ibid., p. 116.

um cigarro.”⁷³ O fazendeiro oferece café, cigarros, uma rede, ordena ao escravo para cuidar do viajante cansado, serve um jantar digno para repor as energias, se o viajante não tem cobertores para dormir, recebe de seu anfitrião; o caboclo oferece para alimentação feijão com farinha e mate para beber, dorme no chão para o viajante ter onde descansar, aceita presentes de bom grado do viajante quando este vai embora. Não importa a classe, fazendeiro ou caboclo, cada um no seu modo de ser e dentro de suas possibilidades, oferece suas casas “por pura boa vontade, bondade de coração e costume do país”.⁷⁴

Eram nessas paradas de pouso ou descanso que o viajante observava muitos costumes do interior. Nesse aspecto, podemos comparar dois costumes distintos de criação das filhas de fazendeiros no interior paranaense. Em visita à fazenda do Sr. Andrade, suas três filhas, com no máximo dezenove anos, foram tiradas do quarto trancado à chave e apresentadas brevemente aos viajantes e logo guardadas novamente. Após indagações de Bigg-Wither ao pai das moças sobre esse costume, parecia ser prática geral de criar as filhas nas regiões mais afastadas dos grandes centros, que ficavam sob essa proteção até que o casamento fosse arranjado. Guardadas como “feras”, Bigg-Wither entendeu ser “sistema ciumento de guardar as ‘mães da nação’”.⁷⁵ Entretanto, ao descrever a família de outro fazendeiro, o Sr. Garcez, percebemos que esse método de criação não era arraigado na cultura do interior: “[...] o Sr. Garcez, no que diz respeito à sociabilidade, não conservava a família afastada do olhar público. Todas as suas filhas apareceram na varanda e sentaram-se para fazer as refeições conosco.” Nessa diferença, podemos considerar que são duas visões de mundo distintas: o Sr. Andrade é a imagem do fazendeiro rústico do interior, enquanto o Sr. Garcez representa uma parcela, talvez pequena, de homens brasileiros do campo com grau de instrução mais liberal. De qualquer modo, no interior os fazendeiros sabiam fazer-se progredir sabendo escrever ou não. Nas palavras do viajante:

O próprio Sr. Garcez foi o fazendeiro mais inteligente que encontrei na classe [...]. Ele era, até certo ponto, um homem educado, conhecendo alguma coisa de história e geografia européias. A maioria dos fazendeiros que encontrei na província ignorava completamente o mundo exterior. Muitos nem mesmo assinavam o nome para salvar as suas vidas. No entanto, viviam e prosperavam! O que não deixa de evidenciar ser necessário muito pouco capital intelectual para prosperar neste país.⁷⁶

⁷³ BIGG-WITHER, 1974, p. 367.

⁷⁴ Ibid., p. 342.

⁷⁵ Ibid., p. 123-124.

⁷⁶ Ibid., 1974, p. 329.

Se, por um lado, a hospitalidade foi motivo de admiração, por outro, a falta de empenho dos paranaenses para obter resultados satisfatórios com o próprio trabalho a médio e longo prazo foi um ponto que Bigg-Wither teceu críticas. Refere-se principalmente ao lucro, mas não como se os brasileiros não soubessem obter bons rendimentos, a crítica cai sobre a falta de esforço em trabalhos que dispensariam um pouco mais de empenho para ter ganhos:

Os brasileiros, em geral, não se interessam em empregar dinheiro em coisa que não lhes dê grande lucro. Sua educação os torna incapazes de aplicar uma libra para ganhar vinte e um *shillings*, mormente se houver preocupações. Há muitas maneiras mais simples e mais rápidas de se ter lucro. Assim, eles não empregam o dinheiro quando se lhes oferece um negócio de pouca vantagem.⁷⁷

Assim, ele nos passa a impressão de que no Paraná os negócios eram voltados mais ao comércio, que a obtenção de lucro era mais fácil e chegava a 200%, do que à pecuária, como a criação de gado e carneiro, que com muito trabalho conseguia 50% de lucro.

Em uma das fazendas em que parou a caminho de Colônia Teresa, que era a do Sr. Andrade citado logo antes, Bigg-Wither criticou como seus proprietários administravam a criação de gado:

O gado é levado ao mercado, ano após ano, pelos mesmos horríveis caminhos como os da Serra dos Macacos, enquanto o fazendeiro e a sua família ficam sentados, na ociosidade, a metade do ano, esperando que o gado engorde, gordura que é de novo perdida na estrada, [...]. A reprodução, tanto no caso dos cavalos como do gado, é feita em promiscuidade na fazenda. Não cuidam de melhorar a raça de nenhum, pela seleção prudente dos machos e das éguas. Jamais sangue novo é introduzido na tropa ou rebanho, sendo a degeneração, por conseguinte certa e efetiva [...].⁷⁸

Intrigado com o que seria o significado do lucro para a população oitocentista brasileira, Bigg-Wither explica “que 24 por cento ao ano de rendimento de sobre o capital empregado” não chegava ser considerado lucro. Em certos casos, como a mineração de diamantes, cem por cento de lucro poderia não ser totalmente satisfatório e, assim, o explorador “procede de acordo com as suas ideias para conseguir o que constitui lucro”.⁷⁹ Além do mais, viu que o trabalho forçoso, como o de cultivar a terra, não era próprio aos brasileiros. Estes desprezavam os estrangeiros

⁷⁷ BIGG-WITHER., p. 51.

⁷⁸ Ibid., p. 127.

⁷⁹ Ibid., p. 356.

“que trabalham com a picareta e a pá”, principalmente os alemães, e reflete: “Mas se eles [os brasileiros] desejam prosseguir a vida em certas cidades de seu próprio país, já é tempo de abandonar essa espécie de orgulho, pois os desprezados trabalhadores podem expulsá-los do campo definitivamente.”⁸⁰ De acordo com o historiador Ruy Christovam Wachowicz, já na década de 1850 os vereadores de Curitiba perceberam e criticaram esse aspecto do trabalhador paranaense em rebaixar o trabalho agrícola, considerado “uma atividade de baixo *status* social” e era preferível “ser peão de tropa, cavalgar à procura de reses nos Campos Gerais ou colher erva-mate a dedicar-se ao serviço da agricultura”, comenta Wachowicz.⁸¹

A imigração europeia para o Brasil no século XIX se deslocou com intensidade para a região sul do país. Temos instaladas no Paraná, entre as mais conhecidas, a Colônia Teresa e a Colônia do Assungüi, além da freguesia de mesmo nome, ambas visitadas por Bigg-Wither. A Colônia Teresa, como já dito, foi o ponto de partida para os trabalhos do grupo que Bigg-Wither compunha. Deste modo, ele teceu grandes comentários a respeito da mesma, como a descrição das casas e dos habitantes.

As críticas que tece sobre a má administração da colônia e o estado de falta de energia para o trabalho da povoação deste local constituem o ponto forte de sua argumentação. “Seus habitantes existiam, mas não viviam”, escreveu Bigg-Wither. Passavam nove meses do ano sem ocupação, não viu nenhuma horta ou jardim; havia leite, mas não manteiga; a única fabricação na colônia era da cachaça “e assim mesmo estava ela nas mãos de um alemão, e não de um brasileiro”. Percebeu também que era um problema para a colônia a precariedade das vias de comunicação. Os caminhos de burro não serviam como caminhos para o comércio, pois todo o lucro seria gasto nesse trajeto pelos problemas com o transporte.⁸²

O Assungüi, tanto a colônia como a freguesia, seguem pelo mesmo caminho de críticas. Houve boas observações no relato por ser criada por imigrantes vindos do mesmo país que o viajante, ou seja, a Inglaterra. Ele faz uma série de observações e questionamentos a respeito do fracasso da colônia/freguesia do Assungüi. Nesse ponto, parece atuar como um investigador.

Ele coloca que umas das teorias que circulavam nos jornais da época

⁸⁰ BIGG-WITHER, 1974, p. 56.

⁸¹ WACHOWICZ, 2010, p. 175.

⁸² BIGG-WITHER, op. cit., p. 149-150.

que tentavam explicar o fracasso da maioria das colônias de imigrantes europeus se dava por culpa inteira do governo brasileiro, mas, de acordo com o que observou, entende que o problema não seria realmente esse. Os imigrantes estabelecidos na colônia reclamaram à Bigg-Wither “Quisera Deus não tivéssemos pensado em vir para aqui, mas fomos iludidos com falsas promessas”. Já Bigg-Wither rebate:

[...] Que os agentes [da imigração] mentiram a esses pobres homens na Inglaterra, não tenho a menor dúvida, e o testemunho dos colonizadores era preponderante nesse ponto, mas que o Governo brasileiro tenha sido conivente nos logros praticados, custo a acreditar como provável. A moralidade oficial no Brasil não é, efetivamente, tida em alto apreço, segundo a opinião comum, mas, no caso dos emigrantes ingleses, o Governo deve ter descoberto desde há muito que um homem atraído a um país, por meio de notícias falsas, representa muito dinheiro jogado ao mar, ou mais do que isso, porque ele se transforma em instrumento pelo qual nome do Brasil, como vantajosa terra de emigração, é levado a ruinoso descrédito.⁸³

E se os agentes da imigração mentiram aos imigrantes, estes também os enganaram, pois eram falsos agricultores ingleses esses imigrantes que para a colônia vieram, destaca Bigg-Wither, pois “Dois terços eram evidentemente gente rude da cidade, pois tanto a fala como a aparência amplamente a denunciavam”. Entende que esse sim foi um erro grave que os agentes brasileiros da imigração deixaram passar: “Pobre Governo iludido!”⁸⁴. O presidente da província Frederico José Cardoso de Araújo Abranches, no relatório apresentado à Assembleia Legislativa em 1874, comenta que faltou responsabilidade aos agentes da imigração na Europa para escolher os imigrantes, “indolentes e de maus hábitos”.⁸⁵

Nas fazendas que circundavam a colônia e a freguesia do Assungüi, um tipo de relação entre fazendeiro e empregado chamou a atenção de Bigg-Wither. Descobriu, após ser atrapalhado por esses fazendeiros em conseguir homens da região para trabalhar na expedição, que os caboclos se envolviam numa chamada “escravidão branca”, ou melhor dizendo, escravidão por dívidas:

Um caboclo precisa de certa soma de dinheiro. Digamos cem mil réis [...]. Ele vai ao ricoço da vila [...] e pede-lhe um empréstimo daquela quantia, prometendo-lhe pagar dentro de certo tempo. Desde esse momento o infeliz caboclo [...] torna-se um escravo. Como poderá ele ganhar dinheiro para pagar a dívida, a não ser do próprio patrão [...]?⁸⁶

⁸³ BIGG-WITHER, 1974, p. 334.

⁸⁴ Ibid., p. 336.

⁸⁵ PARANÁ. **Relatório com que o Excellentíssimo Senhor Doutor Frederico Jose Cardoso de Araújo Abranches abriu a 1ª Sessão da 11ª da Assembléa Legislativa Provincial no dia 15 de fevereiro de 1874**. Curitiba: Typografia da Viuva Lopes, 1874, p. 40.

⁸⁶ BIGG-WITHER, op. cit., p. 327.

Acontece que ao vencer do prazo para pagamento o caboclo não consegue quitar toda a dívida e o patrão, então, troca o pagamento em dinheiro por trabalho, na conversão de certa quantia de réis por dia. Contudo, o fazendeiro interrompe o trabalho adquirido do caboclo, fazendo que a dívida aumente por causa dos juros e novamente deverá trabalho por mais uma temporada de serviços, com a dívida ainda em seu valor original. “Não sei exatamente qual a lei no Brasil entre devedor e credor. A julgar pelos resultados, porém, posso dizer que ela seja de natureza bastante severa com respeito ao devedor”, completa Bigg-Wither.⁸⁷

Durante a expedição de seu grupo, teve contato com indígenas mansos que viviam nas colônias e com índios selvagens. O medo da ameaça indígena era frequente, seja na população local ou nos membros da expedição, e é possível constatar muito isso bem na fonte. Homens foram contratados com a função exclusiva de batedores: “Antes de qualquer avanço grande da [...] expedição, esses batedores saíam à frente, para dar busca na floresta, em ambas as margens do rio, de vestígios de índios e relatar-nos de volta o que lhes fora dado observar.”⁸⁸ Outra parte do relato dá conta do medo instaurado na expedição após dois índios que haviam sido contratados para os trabalhos na selva terem sumidos:

Os brasileiros, cuja consciência em tudo quanto se relacionasse com os índios os tornava covardes, sabendo que os índios os odiavam com justa causa, explicaram que os homens desaparecidos, durante o tempo em que estiveram conosco, haviam exercido o papel de espíões e agora, conhecendo nossos hábitos e costumes, haviam ido à floresta reunir companheiros com a intenção de atacar o acampamento e nos matar a todos. Precauções foram tomadas para prevenir, de qualquer modo, a hipótese de uma surpresa, e então, pela primeira vez, vigias noturnos foram designados.⁸⁹

Foi planejado e cumprido pela equipe de Bigg-Wither a captura de botocudos na selva para “pôr fim a esse pânico crescente uma vez por todas, ou, afinal, provar que ele [o medo] era injustificável, não permitindo que a expedição malograsse só por uma ameaça de perigo.”⁹⁰ Lembrando que o público leitor de seu livro era o europeu e que o contexto fazia do viajante estrangeiro um (re)descobridor e civilizador das terras abaixo do equador, fica claro, ao ler a fonte, essa percepção que o autor passa do europeu destemido na selva brasileira perante a ameaça

⁸⁷ BIGG-WITHER, 1974, p. 327.

⁸⁸ Ibid., p. 241.

⁸⁹ Ibid., p. 205.

⁹⁰ Ibid., p. 281.

indígena e coloca os brasileiros como temerosos irracionais perante os índios selvagens. Com a captura de vários índios – chegou a um número de vinte e sete botocudos, entre adultos e crianças –, Bigg-Wither percebeu que o medo dos brasileiros diminuiu, qualificando os indígenas como “os mais dóceis e humildes dos seres humanos”.⁹¹

O passo seguinte ao da captura, foi instalado um “processo de civilização”. Significa basicamente um processo de higienização e de estética desses indígenas para viverem no mesmo acampamento dos expedicionários pelo tempo que estes achassem necessário. Primeiramente dois homens da equipe de Bigg-Wither “eram destacados para lavar homens, mulheres e crianças no rio, operação que precisava ser feita sem demora”. Depois cada índio recebeu uma peça de roupa, tecida em chita ou baeta que no primeiro momento “pareciam não ter ideia do que fazer dela, mas, depois de usá-la por algum tempo, tiravam-na e deixavam-na despreocupadamente aqui e ali, no acampamento, voltando à primitiva nudez”, comenta o viajante. Apenas depois de alguns dias começaram a entender que deveriam estar vestidos quando juntos dos brasileiros e europeus, mas retiravam essas roupas quando sozinhos estavam em abrigos construídos por si próprios, para ficarem separados dos europeus e dos empregados brasileiros – por precaução destes. O próximo passo era cuidar dos cabelos dos índios: “Por uma questão de higiene, cortamos curto o cabelo dos homens, enquanto o das mulheres foi aos poucos sendo colocado em estado ‘penteável’, trabalhando-se quase uma hora com cada uma delas, diariamente, durante muitos dias consecutivos.”⁹²

Escolheram também duas crianças, “de oito ou nove anos de idade”, para se aproximarem e tentar ensinar a língua inglesa⁹³ com objetivo de fazerem deles intérpretes – a equipe pensou não ser possível essa tarefa com índios adultos. Essas duas crianças foram retiradas da família indígena e colocadas num rancho construído próximo ao dos europeus e brasileiros dentro do acampamento na mata. Observação faz aqui Bigg-Wither a respeito dessa separação das crianças em relação aos outros índios, de forma bem pejorativa:

[...] A separação não teve nenhum sinal de desaprovação dos pais ou parentes das duas crianças. Penso ser tão grande a degradação da

⁹¹ BIGG-WITHER, 1974, p. 302.

⁹² Ibid., 302-303.

⁹³ Pressupõe-se que Bigg-Wither estaria falando da sua língua materna, e não do português, pois neste trecho ele diz que “dentro de pouco tempo estariam à vontade ao nosso lado e aprenderiam a **nossa língua** [...]”. BIGG-WITHER, 1974, p. 304. Grifo nosso.

humanidade no botocudo adulto que já não resta quase nada da afeição paternal pelo descendente, além do instinto natural que os animais sentem pelas suas crias, mas que, certamente, dura até quando estas atingem a idade que lhes permite cuidar de si mesmas.⁹⁴

Por coincidência da história ou não, mais uma vez o contato de europeus com os indígenas resultou em prejuízo dos últimos. “Pobres índios, o fim lhes foi triste”, escreveu o viajante europeu. Depois de algumas tentativas de fazerem os índios voltarem às suas moradias na selva, foram mandados à Colônia Teresa, mas “Morreram um a um” antes de chegarem lá. Foi verificado que a causa das mortes foi uma disenteria que se alastrou entre eles, provocada pela a alimentação fornecida pelos europeus: “A doença começou com as crianças, as primeiras vítimas, atingindo depois rapidamente os adultos, que morreram um após o outro”, comenta Bigg-Wither, que em visita “à colônia um mês mais tarde, encontrei vivos apenas dois dos vinte e cinco que tinham partido de nosso acampamento”. Inclusive, das duas crianças que foram tomadas para treiná-las, uma delas também morreu possivelmente da mesma doença.⁹⁵

Agora, em relação aos índios que viviam entre os brasileiros, principalmente na Colônia Teresa, Bigg-Wither viu neles uma boa força de trabalho para ser empregada. A ideia de ter índios trabalhando na expedição era favorável, pois eram “acostumados à vida da selva, liberto do orgulho e preconceitos brasileiros, e que fizesse o trabalho que um brasileiro não faz.”⁹⁶ E mesmo com esses índios havia desconfiança e medo por parte dos outros membros da expedição, pois pensavam nesses índios como possíveis traidores, como já mostrado anteriormente.

Se os homens da expedição aproveitaram a força física dos índios, os comerciantes aproveitavam da ignorância dos indígenas frente ao valor da moeda para extrair o máximo de dinheiro que pudessem. “Embora compreendam alguma coisa sobre o valor do dinheiro como meio de troca”, escreve Bigg-Wither, “a inteligência não lhes é suficiente para mostrar que uma nota de cem mil réis vale cem vezes uma nota de um mil réis.” Esse fato é custoso aos índios que muitas vezes eram passados para trás nas transações com os comerciantes, já que os índios “entregam facilmente os mil réis que custaram a ganhar, dependendo o limite do grau em que são enganados da consciência do negociante, que se serve à vontade do maço

⁹⁴ BIGG-WITHER, 1974, p. 304.

⁹⁵ Ibid., p. 306-309.

⁹⁶ Ibid., p. 203.

de notas que o pobre e ingênuo índio oferece de mão aberta em pagamento”.⁹⁷

É importante notar que, como fez o pesquisador em literatura pós-colonial Thomas Bonnici⁹⁸, Bigg-Wither não dá voz a esses indígenas, como fez aos caboclos. Para mostrar o índio, produziu essas várias descrições dos índios, incluindo gravuras, ao mesmo modo como fez ao descrever a flora, colocando o índio como inerente à natureza e nada mais do que isso.

⁹⁷ BIGG-WITHER, 1974, p. 143.

⁹⁸ BONNICI, 2012, p. 178.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a análise do relato de viagem do engenheiro inglês Thomas P. Bigg-Wither, pode-se perceber que seu texto se enquadra nas proposições da historiografia brasileira sobre os relatos dos viajantes europeus no século XIX. Teve-se a pretensão de entender as percepções do viajante europeu mais do que um simples olhar a respeito do que foi observado por ele. A metodologia utilizada atendeu às expectativas de pesquisa e graças a uma bibliografia consolidada foi possível entender vários pontos importantes da fonte, que passariam despercebidos sem esses embasamentos.

Primeiramente, seu trabalho de escrita pode ser descrito como detalhista e qualitativo. Detalhista no sentido que percorre páginas descrevendo um mesmo ponto, principalmente no que se refere à natureza. Fauna e flora tomam, com certeza, boa parte do registro e que ajuda na representação desse cenário paranaense no século XIX. E qualitativo no sentido de que as informações por ele traçadas compõem um panorama ideológico que ajudam a entender seu *olhar* estrangeiro.

De início, procuramos entender metodologicamente o uso dos relatos de viagens como documento histórico e assim percebemos o nível de complexidade dessas fontes, visto que elas “escondem” detalhes apreciáveis que se não a levassem em conta, não percebendo as entrelinhas e o contexto, resultaria o trabalho de escrita da história em algo vago. Para isso, percorremos também o momento que passava o Brasil e a província do Paraná na década de 1870: pós-Guerra do Paraguai, febre amarela, movimentos abolicionistas, a crise do modelo monárquico. Também foi visto como a implantação da empresa de expedição para estudar as condições do terreno para a construção de vias ferroviárias, que Bigg-Wither fez parte, significou para o desenvolvimento do país.

E depois analisando a fonte em si foram estudados os vários pontos abrangidos por Bigg-Wither em seu relato, como relações de trabalho, economia, costumes, a questão indígena, pode-se concluir que a hipótese deste trabalho, a de que este viajante categoriza as relações sociais dos paranaenses por causa do ideal cientificista e capitalista, foi alcançada. O *olhar* civilizador de Bigg-Wither foi interpretado e questionado com base em seu entendimento de como as coisas deveriam ser. Mas, dessa maneira, ele não permitiu que seus leitores, apreciassem

os argumentos das próprias pessoas por ele ouvidas – mesmo dando voz a homens com posições mais altas na sociedade, como fazendeiros –, estes também não eram entendidos em seus pontos de vista.

Seu tom na narrativa sempre foi o de questionar a forma como o trabalho e a renda eram gerados, junto com o baixo ou nulo grau de instrução em geral da população, e como basicamente os métodos aqui vistos não se enquadravam ao processo capitalista, a resposta de Bigg-Wither era clara: o Brasil não era um país de civilizados e, portanto, não havia alcançado a maturidade em vários níveis (econômico, social etc).

REFERÊNCIAS

Fontes

BIGG-WITHER, Thomas Plantagenet. **Novo caminho no Brasil meridional: a província do Paraná. Três anos de vida em suas florestas e campos – 1872/1875.** Tradução de Temístocles Linhares. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1974. (Coleção Documentos Brasileiros).

BRASIL. Decreto nº 4.851, de 22 de dezembro de 1871. Concede autorização para estudos de uma linha ferrea de Curityba a Miranda e de linhas de navegação nos rios Ivahy, Ivinheima, Brilhante e Mondego. **Colecção das Leis do Império do Brasil de 1871**, Rio de Janeiro, R.J., 1871. Tomo XXXIV, pt. 2, p. 775-784. Disponível em: <<http://bd.camara.gov.br/bd/handle/bdcamara/18562>>. Acesso em: 07 jun. 2016.

BRASIL. **Recenseamento do Brazil em 1872.** v. 9. Rio de Janeiro: Typ. G. Leuzinger, 1874. Disponível em: <<http://biblioteca.ibge.gov.br/biblioteca-catalogo.html?view=detalhes&id=225477>>. Acesso em: 03 out. 2016.

PARANÁ. **Relatorio com que o Exm. Sr. Presidente Dr. Venâncio José de Oliveira Lisboa abriu a 1ª sessão da 10ª legislatura da Assembleia Legislativa Provincial do Paraná no dia 15 de fevereiro de 1872.** Curitiba: Typographia da Viuva & Filhos de G. M. Lopes, 1872. Disponível em: <>. Acesso em: 07 jun. 2016.

PARANÁ. **Relatorio com que o Excellentissimo Senhor Doutor Frederico Jose Cardoso de Araujo Abranches abriu a 1ª Sessão da 11ª da Assembléa Legislativa Provincial no dia 15 de fevereiro de 1874.** Curitiba: Typografia da Viuva Lopes, 1874. Disponível em: <>. Acesso em: 21 ago. 2016.

Livros

BELLUZO, Ana Maria. **O Brasil dos viajantes.** São Paulo/Salvador: Metalivros/Fundação Odebrecht, 1994. 3 v.

CHALHOUB, Sidney. “Febre amarela”. In: **Cidade febril: cortiços e epidemias na Corte Imperial.** São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

GIUCCI, Guillermo. **Viajantes do maravilhoso: o novo mundo.** São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

HOLANDA, Sérgio Buarque. Experiência e fantasia. In: **Visão do Paraíso: os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil.** 6. ed. São Paulo: Brasiliense, 1996.

PAZ, Francisco Moraes. **Na poética da história: a realização da utopia nacional oitocentista.** Curitiba: UFPR, 1996.

PRATT, Mary Louise. **Os olhos do império**: relatos de viagem e transculturação. Bauru: EDUSC, 1999.

SCHWARCZ, Lilia Moritz; STARLING, Heloisa Murgel. **Brasil**: uma biografia. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

STECA, Lucinéia Cunha; FLORES, Mariléia Dias. **História do Paraná**: do século XVI à década de 1950. Londrina: EDUEL, 2002.

WACHOWICZ, Ruy Christovam. **História do Paraná**. 2. ed. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2010.

Artigos, dissertações e teses

BONNICI, Thomas. Ecocrítica e pós-colonialismo: o fitar de Bigg-Wither na Floresta Atlântica do Paraná. **Intersemiose - Revista Digital**. Recife, n. 2, p. 171-184, 2012. Disponível em: <<http://www.neliufpe.com.br/revista-intersemiose/ano-i-n-02-juldez-2012/>>. Acesso em: 08 set. 2016.

FRANZINI, Fábio. **À sombra das palmeiras. A Coleção Documentos Brasileiros e as transformações da historiografia nacional (1936 – 1959)**. 2006. Tese (Doutorado em História Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo.

KURY, Lorelai. Viajantes-naturalistas no Brasil oitocentista: experiência, relato e imagem. **História, Ciências, Saúde – Manginhos**, Rio de Janeiro, v. 8, supl., p. 863-880, 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702001000500004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 03 mar. 2015.

MORAES, Roque. Uma Tempestade de Luz: A compreensão Possibilitada pela Análise Textual Discursiva. **Ciência & Educação**, Bauru, v. 9, n. 2, p. 191-211, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-73132003000200004>. Acesso em 31 jan. 2017.

SARAT, Magda. Literatura de viagem: olhares sobre o Brasil nos registros dos viajantes estrangeiros. **Patrimônio e Memória**, São Paulo, v. 7, n. 2, p. 33-54, dez. 2011. Disponível em: <<http://pem.assis.unesp.br/index.php/pem/article/view/89/89>>. Acesso em: 15 jul. 2015.